

APRESENTAÇÃO

Aos vinte e seis dias do mês de maio do ano de 2009, foi criado o MAS – Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia. Sem um espaço físico, no qual pudesse funcionar, sofreu de início uma primeira acusação: trata-se de um museu virtual, diziam. Tal acusação não pode ser recusada rapidamente; é uma questão filosófica e cultural. Primeiro filosófica: ora, o virtual não é menos real do que própria realidade concreta e já estamos cansados de constatá-lo, especialmente na era da cibernética, das tecnologias e, porque não, das neurociências. Depois cultural, porque sofremos cada vez mais com um imediatismo que faz esquecer que tudo é fruto de um processo.

O Museu de Arte Sacra da Diocese foi idealizado para “reunir, ampliar, organizar, preservar e difundir para as gerações atuais e futuras, referências patrimoniais e acervos de origem sacra, com vistas à promoção da investigação científica; a produção de conhecimento sobre as coleções, constituindo-se como fonte importante sobre a história da Igreja em nível regional”. À frente do projeto, ficou o Reverendíssimo Padre Rogério Antônio Alves como Diretor do órgão, bem como a Professora Lídia Maria Meirelles, da Faculdade Católica e também outros professores da mesma instituição, onde o órgão foi fundado e de onde vieram as primeiras parcerias. Posteriormente, o Museu foi desvinculado da Faculdade Católica e passou a ser administrado apenas pela Diocese.

Hoje, começamos a vislumbrar, finalmente, um espaço para o funcionamento do museu; a saber: um complexo ao lado da Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado- no bairro Jaraguá- cujo projeto arquitetônico pertence à famosa arquiteta italiana Lina Bo Bardi. Entretanto, o espaço físico não foi nossa primeira busca. Em primeiro lugar, quisemos fomentar a consciência histórica em nossa Diocese, onde se ouvia dizer muitas vezes e, não sem dor, que a Igreja de Uberlândia, era uma Igreja sem história, sem grandes feitos no passado, sem memória. Nosso intuito, por isso, foi investir em cursos de conscientização sobre a existência dos bens históricos imóveis, móveis e integrados da Diocese, sua futura e necessaríssima catalogação. Mas também empreendemos oficinas e outros cursos para valorizar a ideia de que a história não é um peso morto que arrastamos atrás de nós. Antes, a história é o que estamos fazendo ainda agora e é o que outros, os que nos antecederam, prepararam e colocaram em nossas mãos. Trabalhamos, para tanto, na reedição do livro "Nossos Pais nos contaram", que remonta a história de nossa Diocese dos anos de 1818 a 1989. Concebemos outros projetos e foi bom descobrir entre o suor e as lágrimas, os muitos parceiros que foram somando conosco e apoiando nossos empenhos. Nesse

ínterim, tivemos a grata surpresa de poder contar com Mestres e Doutores da UFU (Universidade Federal de Uberlândia), que integram hoje a Comissão de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia, juntamente ao Bispo Diocesano, dom Paulo Francisco Machado.

Mais recente, entretanto, é a Revista *Relicário*, embora seja outro projeto do MAS. Seu intuito é ser uma Revista Acadêmica e Interdisciplinar que divulgue trabalhos na área de museologia sacra. De circulação nacional e internacional, nossa missão é publicar artigos, ensaios e resenhas com bibliografia atualizada, ampliando as fronteiras dos debates acadêmicos no campo dos estudos museológicos, de artes sacras, arquitetura sacra, religiosidade popular, filosofia da arte, estética (filosofia) visão teológica da arte ou da arte como fonte de teologia.

Depois de intenso trabalho, chegamos finalmente a esse primeiro número. Nossa Diocese já conheceu outras revistas, de outros vieses e, talvez por isso, a Revista *Relicário* possa sofrer o descaso de ser “mais uma”. Diferente das que nos precederam, nossa revista é digital, embora futuramente, em números comemorativos, faremos também a tiragem impressa. A ideia também é diferente: propiciar a pesquisa e o debate acadêmico, valorizando a arte como lugar em que Deus também fala e se revela. Como um pai que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas (Mt 13, 52), nós também juntamos a intuição antiga – a de uma revista – com o novo, nossas intuições. Afinal, é aí que estão as diferenças entre um pensamento para outro, não nas bases ou nos referenciais que parecem ser sempre os mesmos e só arranjados de forma diferente, mas na intuição. Por isso chamamos nossa revista de *Relicário*, porque nela se escondem verdadeiras “reliquias” – nada velho ou ultrapassado, antigo ou sem valor, nenhuma moeda de efígie desgastada, mas verdadeiras reliquias, textos valorosos, significativos, de importância afetiva e efetiva para o debate cultural entre Igreja e Academia, entre Ciência e Fé. Debate ardente, muitas vezes sem síntese, mas que pode contribuir para ambas. Relíquias que surgem do enfrentamento sempre favorável entre o crer e o saber.

Esta edição reúne textos de autores/as nacionais e internacionais que, em profícuo diálogo, buscam nas Artes Plásticas e na Religião o tratamento despendido a diferentes questões e problemáticas atinentes aos objetivos da revista.

Abrindo os artigos, Vani Terezinha de Rezende, Doutora em filosofia pela Universidade de São Paulo faz uma breve reflexão sobre a compreensão Heideggeriana da obra de arte como atividade *poemática*, vinculada à linguagem e ao homem, a qual visa ultrapassar uma visão puramente estética da arte.

Dando sequência, o artigo de Michele Coutinho Rocha, Doutora em Belas Artes/ Pintura e Mestre em teorias da Arte pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa estuda a representação da Virgem Maria no Surrealismo português, considerando as suas múltiplas abordagens plásticas e poéticas. Percebemos, que há, por trás dessas representações, uma linguagem subversiva e irônica que questiona o ideal de feminilidade da sociedade patriarcal movida por ideais religiosos, mas também os instintos puros da maternidade.

Nossa terceira relíquia é o texto de *Alyne Marinho César Miranda*, especialista em História da Arte pela Universidade Potiguar – Natal/RN. Mais uma vez, Maria, mãe de Jesus, é o tema. Dessa vez, entretanto, parte da iconografia mariana é analisada, em especial as pinturas que representam o episódio da “Anunciação”, produzidas na Itália, durante o século XVI. Foram utilizadas fontes documentais visuais representadas por pinturas e fontes textuais representadas por documentos da época. Assim, com base nas pinturas e nos documentos escritos, foram propostas algumas interpretações acerca das pinturas da Anunciação, que valem ser conferidas.

Em seguida, apresentamos o artigo de *Francisco Isaac D. de Oliveira*, Mestre em História e Espaços pela UFRN-Brasil. Ele também faz uma análise iconográfica, mas do quadro *A forja de Vulcano* de Diego Velázquez. Artista dos mais brilhantes de sua época, Velázquez constrói uma narrativa visual a partir dos textos clássicos que ele toma conhecimento quando de sua viagem a Roma em 1629. A tela é significativa para compreendermos o espaço da época do artista, ou seja, o período Moderno, quando este foi patrocinado pelo Estado espanhol por meio da figura do monarca Filipe IV, neto de Filipe II. Embora a cena seja inspirada nos textos da mitologia grega existem referências do seu tempo plasmadas na imagem.

Do mesmo autor e de Francisco das C. F. Santiago JR., o artigo posterior busca refletir o conceito de mundo natural nas paisagens pintadas pelo artista holandês, Frans Post como também discutir a própria paisagem “criadora” do Brasil. Assim, acaba por fundir imagem e arte para entender as representações da América holandesa durante o século XVII. O olhar exótico do europeu (holandês) sobre as possessões do Novo Mundo serve para compreender a visão do estrangeiro, as imagens vistas por aqui de uma natureza exótica, selvagem e virgem produz uma visão neerlandesa das paisagens coloniais da América.

Os dois artigos finais têm caráter filosófico e teológico, respectivamente. O primeiro, do autor Alexandre Ferreira Margarido, discute, reflete e avalia a importância do estudo acerca da existência de Deus. A pesquisa possui um estudo reflexivo e crítico do paradigma filosófico que busca comprovar a existência de Deus com base na Filosofia Medieval e Moderna. O segundo, do

autor, Leandro Nazareth Souto, tem como objetivo central apresentar as influências da religião antiga grega – Mistérios de Elêusis, Dionisismo e Orfismo – e de alguns elementos essenciais do Pitagorismo e de Platão na construção da doutrina escatológica tradicional católica. Ambos parecem distanciar um pouco da proposta da revista, porque se afastam das inter-relações com a arte. Isso, só se esquecermos do quanto a questão da existência de Deus influenciou as artes, inclusive a desconstrução da mesma ideia – se é que isso é possível – na modernidade e pós-modernidade reconfigurando as formas e expressão artística. Também sabemos o quanto a escatologia católica é retratada nas pinturas ou na arquitetura sacra. Conhecer tais fundamentos intelectuais, portanto, pode ser um bom início para uma posterior discussão com o mundo das artes.

Por fim, publicamos a tradução de um capítulo do livro *A Arte do Ícone: Teologia da Beleza, de* Paul Evdokimov (1901-1970), teólogo e místico cristão ortodoxo que nasceu em São Petersburgo e imigrou para a França no contexto da Revolução Russa. O capítulo traduzido é um estudo do ícone Epifania, por ele escolhido, e trata do batismo de Nosso Senhor Jesus Cristo. O batismo é considerado o ponto mais alto do Novo Testamento – é nele, e somente nele, que a Trindade se manifesta em toda a sua integralidade. A tradução é fruto do trabalho de Edmar José de Almeida, artista plástico e iconógrafo e a revisão é de Vani Rezende, Doutora em Filosofia pela USP.

A todos os leitores, desejo um bom proveito. Nesse Relicário, quem sabe, é o que desejamos, vocês possam encontrar um tesouro valioso de intuições com as quais, as próprias possam nascer, ganhar forma e relevo.

Pe. Eduardo César Rodrigues Calil